

O “Catecismo” na história da Igreja

(Continuação)

SEGUNDA PARTE

Do Catecismo à catequese

1. Os primeiros “Catecismos modernos”

Os catecismos dos tempos modernos encontram os seus primeiros modelos inspiradores no sec. XIII quando por toda a Igreja soprava já um forte desejo de reforma: as ordens mendicantes dedicavam-se à pregação popular e à difusão dos opúsculos atrás referidos.

A primeira vez, contudo, que se usou o termo *catecismo* foi no título do texto catequético publicado em 1375 pelo arcebispo de York, *Lay folks Catechism*. Meio século depois era o concílio de Tortosa que fazia um decreto sobre a elaboração dum “breve compêndio” da doutrina cristã e determinava o seu conteúdo, explicitando e desenvolvendo o esquema que já vinha de Santo Tomás: aquilo que se deve crer – artigos da fé; o que se deve pedir – o que o Senhor ensinou a rezar; o que se deve observar – os mandamentos; o que se deve evitar – os sete pecados mortais; o que se deve desejar e esperar – a vida eterna.⁵⁷

Nesta corrente de renovação espiritual entra, pouco tempo depois, também Martinho Lutero, embora de maneira muito mais radical e contestatária, e, logo a seguir, os catequetas católicos, entre os quais o muito célebre São Pedro Canísio.

⁵⁷ Cfr T. STENICO, *Ibid.*, p. 60.

1.1 Catecismos protestantes e catecismos católicos

O período anterior ao Concílio de Trento foi particularmente fecundo na elaboração de catecismos. Foram instrumento importante da Reforma protestante. Lutero, em 1529, escreveu dois catecismos em que expôs o “seu Evangelho”; a difusão destes catecismos, como aliás a dos catecismos católicos, foi facilitada pela invenção da imprensa, pela inovação pedagógica, desencadeada com a criação de colégios e pequenas escolas, cujo objectivo primário era “instruir e educar os cristãos”,⁵⁸ finalidade que é também a das paróquias, tenham ou não escola, pois se destinam a “assegurar o catecismo... para todas as crianças e para os ignorantes”,⁵⁹ e, finalmente, pelo método da pergunta-resposta.

É, portanto, neste período que se chega, praticamente, ao triplo sentido de *catecismo*: *manual* (texto), *instituição* (em vez de “catequese”) e *prática pedagógica* (método que chegou a ser depois utilizado para a difusão de outras ideias como as socialistas ou republicanas).

Lutero tinha-se proposto escrever um “sumário da fé, profundamente religioso e profundamente prático”, em ordem ao incremento da vida cristã fundamental. O que veio a suceder em 1529 com o *Grande Catecismo Alemão* (livro do mestre, especialmente do pároco) e com o *Pequeno Catecismo*, para uso dos pastores, pregadores e pais de família pouco instruídos, usando o método das perguntas-respostas. A autoridade destes catecismos de Lutero foi sempre muito grande; mas acabaram por tornar-se confessionalmente vinculantes ou “dogmatizados” e “escolarizados” e, a partir de 1580 entraram no número dos livros “oficiais” indiscutíveis (konkordienbuch).⁶⁰

Sucessivamente foram aparecendo, primeiro, o *catecismo da Igreja de Genebra* ou de Calvino (1542) e depois o *Catecismo de Heidelberg* (1563). O *Catecismo de Genebra* tem como subtítulo *Formulário para instruir as crianças na cristandade, feito à maneira de diálogo em que o ministro interroga e a criança responde* e está dividido em quatro partes sobre o modo de conhecer e louvar a Deus: fé, obediência (mandamentos), oração e acolhimento (Palavra e sacramentos); nas numerosas edições que teve inclui sempre um apêndice de orações, cânticos eclesiásticos e o modo de administrar os sacramentos.

⁵⁸ E. GERMAIN, *Du Moyen Age aux temps modernes*, em *Thabor*, p. 39.

⁵⁹ Id., *Ibid.*

⁶⁰ Cfr. E. PAUL, *Lutero Martin*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 517-519

O *Catecismo de Heidelberg*, porque mais adaptado sob o ponto de vista pedagógico, tornou-se o catecismo mais popular em território “reformado” ou “calvinista”. A grande intenção dos reformadores protestantes ao redigirem catecismos era precisamente a de expor a fé nova, mais esclarecida que a antiga.⁶¹

Entre os catecismos católicos, publicados também com intenções reformadoras, temos, antes do Concílio de Trento, os de São Pedro Canísio e, depois do Concílio, os de São Roberto Belarmino.

São Pedro Canísio contrapõe-se sem descanso, de facto, a Lutero; mas fá-lo de maneira positiva, respondendo à sua doutrinação sem entrar em polémica; as suas grandes preocupações eram combater a ignorância religiosa e a conseqüente indiferença religiosa e iniciar os cristãos nas verdades fundamentais da fé; o que fez em três catecismos com destinatários diferentes segundo as suas capacidades de compreensão: a *Suma da doutrina cristã em perguntas e respostas* (1555), destinada aos jovens estudantes superiores, aos clérigos em formação e aos leigos cultos; o *Catecismo mínimo* (1556), em forma de abecedário, para as crianças e pessoas ignorantes que começavam a ler e o *Pequeno catecismo dos católicos* (1558), intermédio, para os estudantes médios; este foi o que teve maior êxito em virtude da sua pedagogia e da exactidão ou precisão das perguntas e respostas. São Pedro Canísio publicou ainda as *Instruções cristãs* (1589), catecismo só de imagens com breves legendas.⁶²

São Roberto Belarmino, já depois do Concílio de Trento e do seu catecismo, o *Catecismo Romano*, publicou a pedido do Papa o seu *Breve doutrina cristã* (1597) para aprender de cor, bastante polémico e defensivo, no sistema de perguntas e respostas, e a *Declaração mais ampla da Doutrina cristã* (1598), que tem os catequistas como destinatários e no qual quem pergunta são os catequizandos, o que é novo. Estes dois catecismos, dada a autoridade que o próprio Papa lhes reconhecia, recomendando-os a todas as dioceses e paróquias, acabaram por eclipsar os de São Pedro Canísio que, aliás, São Roberto Belarmino não conhecia quando redigiu os seus, e o próprio catecismo de Trento. Influenciaram, sem dúvida e muito, os catecismos posteriores e a orientação da catequese até praticamente ao nosso século, chegando a *Breve doutrina* a ser proposta como base do Esquema *De parvo*

⁶¹ Cfr. F. LAPLANCHE, *Les réformes protestante et catholique*, em *Thabor ...*, pp. 40-41

⁶² E. GERMAIN, «*Sais-tu ton Canisius?*», em *Thabor...*, p. 43; E. PAUL, *Canisio Pedro*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 123.

catechismo que esteve presente no Concílio Vaticano I.⁶³ As obras de São Roberto Belarmino são responsáveis pela acentuação mais intelectual, institucional, visível e coisificante do ensino relativo ao mistério cristão, aos sacramentos da graça e à Igreja.⁶⁴

1.2 O Catecismo do Concílio de Trento

A *Catechesi Tradendae* põe, e justamente, em relevo a obra catequética do Concílio de Trento, para além do *Catecismo Romano*, “obra de primeiro plano como resumo da doutrina cristã e da teologia tradicional, para uso dos sacerdotes”: “O Concílio suscitou na Igreja uma organização digna de nota; estimulou o clero ao cumprimento dos seus deveres de ensino catequético; e foi determinante, ainda, para a publicação de catecismos, a que se dedicaram santos teólogos tais como São Carlos Borromeu, São Roberto Belarmino ou São Pedro Canísio, escritos que são verdadeiros modelos para aquele tempo”.⁶⁵ Um destes catecismos mais conhecido, entre nós, foi de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, *Catecismo ou doutrina cristã e práticas espirituais* (1564), aparecido dois anos antes do próprio catecismo de Trento.

O *Catecismo Romano* ou *Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad parochos* foi decretado pelo Concílio, embora só tenha sido publicado em 1566 por São Pio V. Um dos seus redactores da terceira comissão, já posterior ao Concílio, foi o dominicano português Francisco Foreiro, perito conciliar.

O projecto dum catecismo, a fazer pelos próprios Padres conciliares ou sob a autoridade do Concílio, vinha já da primeira fase do mesmo (1546); pretendia-se, então, que fosse redigido a partir da Escritura e dos Santos Padres um catecismo que estivesse acima de qualquer suspeita ou posterior censura e servisse para a educação cristã das crianças e dos adultos ignorantes.

A sua última redacção acabou, todavia, por ter como destinatários os párocos: seria para eles guia ou livro de referência na sua tarefa de instrução religiosa dos fiéis. O Catecismo de Trento pertence ao género do *catecismo maior*, assente em quatro pilares que se tinham, de algum modo, tornado clássicos: Símbolo (estrutura trinitária), Sacra-

⁶³ L. RESINES, *Belarmino Roberto*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 101.

⁶⁴ E. GERMAIN, *Les deux Catéchismes de Bellarmin*, em *Thabor...*, p. 44.

⁶⁵ E. GERMAIN, *Catecismo* (institucion), em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 135-139.

mentos, Decálogo e Pai Nosso; reproduz fielmente a doutrina do Concílio sem, contudo, a carga naturalmente polêmica dos decretos em que ficou consignada: a sua forma de expressão é belíssima, baseia-se na Escritura e na Patrística e na melhor tradição teológica acerca do conhecimento a ter de Jesus Cristo, do amor para com Ele e do caminhar na vida segundo os seus passos. É de notar que o *Catecismo de Trento* “e o único catecismo fruto de um Concílio Ecumênico, com autoridade papal e para toda a Igreja com carácter oficial”.⁶⁶

Embora tenha sido grande a sua difusão, rapidamente foi sendo posto de lado para dar lugar aos manuais com perguntas e respostas; estes tinham a “vantagem” de estarem “prontos a servir” e de não exigirem tanto esforço e, certamente tanta sabedoria teológica e capacidade pedagógica.⁶⁷

1.3 Do “catecismo” ao catequista

a) Organização da catequese nas escolas

A partir do sec. XVII (e durante os séc. XVIII e XIX) difundiu-se cada vez mais o livrinho a que chamamos “catecismo”, quer em virtude da cada vez maior preocupação em catequizar as crianças, no seu tempo etário privilegiado e específico de formação, quer em virtude do impulso dado pelo Concílio de Trento ao instituir, em 11 de Novembro de 1563 na XXV sessão, a “catequese paroquial” que incluía também uma “catequese dos sacramentos”, e as “associações da doutrina cristã”.

A generalização da rede escolar e da organização da catequese paroquial levou à proliferação dos “catecismos” ou “manuais” diocesanos elaborados localmente ou aí tornados “oficiais”. Conhecem-se alguns muito difundidos: os três catecismos de Bossuet, bispo da diocese de Maux, França, para a catequese inicial a fazer pelos pais, para a preparação da Confirmação (7-8 anos), para a preparação da primeira Comunhão (11 anos);⁶⁸ o *Catecismo de Montpellier* (1702), do jansenista e galicano francês Joaquim Colbert, traduzido e muito utilizado em Portugal depois da expulsão dos jesuítas e por influência do Marquês de Pombal...⁶⁹

⁶⁶ L. RESINES, *Catecismo Romano*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 139-141.

⁶⁷ Cfr. E. GERMAIN, *Le catéchisme du Concile de Trente*, em *Thabor...*, p. 42.

⁶⁸ Cfr. E. GERMAIN, *Bossuet Jacques Bénigne*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 111-112.

⁶⁹ Cfr. M. SONNET, *Diffusion du livre appelé catéchisme*, em *Thabor...*, p. 47.

A preocupação por adaptar a catequese à capacidade das crianças, faz surgir as séries de dois ou três catecismos para as diversas idades, de um para outro cada vez mais volumosos por causa dos conteúdos e também porque o catecismo cada vez mais se torna “livro do mestre” ou do catequista sem se abandonar, no entanto, o método das perguntas e respostas, de maneira a serem retidas na memória mais do que compreendidas... Não se fizeram esperar as reações contra este “papaguear” (Boudon, arcediogo de Évreux, já em 1675!) e contra a abstracção e a secura ou aridez do estilo do manual (Claude Fleury, em 1683 no *Catecismo histórico*).⁷⁰

É este também o tempo do florescimento das Congregações religiosas dedicadas ao ensino e à evangelização e, quase sempre expressamente, à catequese e às missões populares: escolápios, ursulinas, sulpicianos, lazaristas, eudistas, oratorianos, capuchinhos. E os seminários diocesanos, destinados à formação para a prática pastoral (pregação e catequese), são animados e dirigidos pelos mesmos religiosos; surgiram as “escolas da caridade”, tornadas “escolas paroquiais”, para alunos pobres, uma vez que já havia as escolas catedrais e as escolas particulares (à volta de um mestre) as quais eram pagas pelos alunos. As “escolas paroquiais” tornar-se-ão também verdadeiras “escolas de catequese” ou de educação cristã; a obra de Jacques Bataillon, *L'École paroissiale ou la manière de bien instruire les enfants dans les petites écoles* (1654), referência para todas as iniciativas semelhantes e até para as Congregações dedicadas ao ensino, incluía no “programa escolar” três espécies de catequese: a do pequeno catecismo diocesano (duas horas por semana e a catequese do domingo com as outras crianças na igreja paroquial), a dos “catecismos da festa ou dos mistérios do ano em imagens” (trinta vezes por ano) e a catequese diária (um quarto de hora com leituras piedosas e oração).

Todos estes esforços e iniciativas obtiveram êxito imediato porque em toda a Igreja se estava já a operar uma grande renovação pastoral e espiritual; desta renovação fazem parte, sem dúvida, a instituição da catequese de forma sistemática e a elaboração dos catecismos diocesanos.⁷¹

⁷⁰ Cfr. Id., *Ibid.*, pp. 45-49.

⁷¹ Cfr. E. GERMAIN, *Au XVII Siècle*, em *Thabor...*, pp. 50-53.

b) Catequese paroquial e catequistas voluntários

O séc. XIX vê nascer uma nova época. Sem abandonar o esforço de elaboração de catecismos que, valha a verdade, começam a ser cada vez mais uniformes quanto aos conteúdos – repartidos pelo credo, pelos mandamentos e pelos sacramentos – a Igreja orienta-se tanto para a organização da catequese em *etapas sucessivas* (crianças de 8-11 anos, crianças da Primeira Comunhão e catequese de “perseverança” para jovens, como propõe Mons. Dupanloup por volta de 1869,⁷² como para o programa de *instrução moral e religiosa* (orações, “recitação” do catecismo e história sagrada) nas escolas primárias, tanto para a educação cristã nas numerosas *obras de juventude*, como ainda para a *formação de catequistas* tendo em conta principalmente a laicização das escolas, entretanto operada (em França, leis de 1881-1886), e a necessidade de organizar a catequese fora do programa e do espaço escolares.⁷³

Através do recrutamento de catequistas voluntários⁷⁴ começou, então, a organização, hoje tradicional, da catequese nas paróquias, dinamizada pelas Confrarias ou Associações da doutrina cristã que foram surgindo em todas as dioceses e paróquias e, entre nós, se conservaram até meados do séc. XX em que se foi tomando consciência de que a educação da fé é obra de toda a comunidade e se criaram os secretariados.

E, a pouco e pouco, principalmente nos inícios do séc. XX, a grande questão no campo da catequese era já a do recrutamento e formação dos catequistas, uma vez que, por um lado, o clero, cada vez mais raro, entrega aos catequistas esta tarefa, e, por outro, numa sociedade laicizada, foi-se impondo a grande necessidade de generalizar e sistematizar a catequese, de dar maior qualidade à “transmissão da fé” e de intensificar a relação catequese-família; isto não é já questão apenas dos instrumentos, isto é, dos textos, dos catecismos, mas principalmente de catequistas, doutrinai e pedagogicamente bem formados. As grandes preocupações da reflexão pastoral catequética começaram a andar cada vez mais à volta do acto catequético e do modo de o realizar, a pedagogia catequística; dentro desta preocupação continua a entrar ainda a da elaboração de catecismos que correspondam às necessidades das crianças e dos jovens, nuns lados ainda analfabetos e noutros já escolarizados. Toda esta animação é vulgarmente conhecida como “movimento catequético”.

⁷² Cfr. U. GIANETTO, *Catecismo de perseverancia*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 133

⁷³ Cfr. E. GERMAIN, *Au XIX Siècle*, em *Thabor...*, pp. 54-56.

⁷⁴ Cfr. S. GRÉSILLON, *L'oeuvre des Catéchistes volontaires*, em *Thabor...*, pp. 57-58.

2. Nos inícios do sec. XX: São Pio X – catequese e liturgia

O *Movimento catequístico* dos fins do séc. XIX recebeu muito da pedagogia “profana”, aplicada à educação cristã, através da mediação de pedagogos que pertencem à história da catequese e à história da Igreja contemporânea: os padres Lucien Henin e Camille Quinet (1879-1961),⁷⁵ Maria Montessori (1870-1952) e Maria Fargues (1884-1973) com os “métodos activos”, a atenção ao Ano Litúrgico e a toda a liturgia, o sentido do “mestre interior”, o recurso aos símbolos e a catequese como contemplação, meditação e oração,⁷⁶ Françoise Derkenne (1907-), com o seu método “Vida e alegria no catecismo”, Lubenska de Lenval (1895-1972), André Boyer (1890-1976) que resumiu a problemática da catequese nos seus vários aspectos: bíblico, litúrgico, individual e comunitário, e desenvolveu o seu dinamismo “activo-educativo-missionário”⁷⁷ e Joseph Colomb (1902-1979) que recebeu de Derkenne e Lenval a inspiração litúrgica da sua concepção catequética, uma vez que o Ano Litúrgico é “o lugar e o tempo da vida cristã e, portanto, da educação da fé.”⁷⁸ Estes autores, para além de serem os mais próximos e conhecidos, influenciaram largamente a catequese em Portugal. O movimento catequístico protagonizado na acção e nas obras destes pedagogos e catequetas insere-se na grande renovação que atravessou a Igreja desde meados do séc. XIX e levou ao Concílio Vaticano II, especialmente através da influência dos movimentos bíblico, litúrgico, tomista e, mais tarde, o do apostolado organizado dos leigos. Deu-se, então, uma aproximação irresistível e fecunda entre a catequese, a Bíblia e a liturgia.⁷⁹

Nesta aproximação teve papel muito importante a obra renovadora de São Pio X em duas direcções estreitamente unidas: a da renovação litúrgica, através das orientações da encíclica *Quam singulari* (1910), nomeadamente no campo da Comunhão frequente e da Comunhão mais precoce das crianças, e a da renovação catequética, através da publicação da encíclica *Acerbo nimis* (1905), com orientações

⁷⁵ Cfr U. GIANETTO, Quinet Camille, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 699-700.

⁷⁶ Cfr S. CAVALLETTI, *Montessori Maria*, em J. GEVAERT, *Ibid.* p. 579; U. GIANETTO, *Fargues Marie*, em *Id.*, *Ibid.*, pp. 379

⁷⁷ Cfr. U. GIANETTO, *Boyer André*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 113.

⁷⁸ G. DUPERRAY, *Colomb Joseph*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 197; cfr. G. ADLER, *Derkenne Françoise*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, p. 258; B. LORENZO, *Lubenska de Lenval Hélène*, em *Id.*, *Ibid.*, p. 515.

⁷⁹ Cfr G. ADLER, *Le mouvement catéchétique*, em *Thabor...*, pp. 59-63.

pedagógicas, acompanhada da publicação dum primeiro catecismo com três partes: *primeiras noções*, *catecismo breve* e *catecismo maior*; este catecismo estava baseado em outros catecismos locais de Itália, mas incorporando muitas das aquisições do movimento teológico neo-escolástico consequente ao Concílio Vaticano I. Era um texto muito grande para a finalidade que se propunha; por isso, logo se viu a necessidade duma revisão. Fruto desta revisão é o texto de 1912 que, das dioceses da província eclesiástica de Roma, às quais se destinava, passou a toda a Itália e logo depois a todo o mundo (embora em quase todos os lados na primeira versão de 1905).⁸⁰

As sementes lançadas pelos movimentos de renovação da vida da Igreja desabrocharam muito significativamente no período entre as duas grandes guerras e logo depois da segunda, não sem, também aqui nos terrenos da catequese, dolorosas crises...

3. Os catecismos do sec. XX em Portugal

3.1 O “São Pio X” e os catecismos semelhantes

A encíclica *Acerbo nimis* provocou a publicação em português do Catecismo de Trento, o *Catecismo romano* ou *Catecismo para os párocos*, em 1906. Mas a catequese em Portugal, durante a primeira metade do séc. XX, está marcada principalmente pela difusão do *Catecismo de São Pio X*, mais a do *Catecismo breve* do que a do *Catecismo maior*, pelas orientações do Código de Direito Canónico (1917), outra das obras renovadoras de São Pio X e, mais tarde, a do Concílio Plenário Português (1926).

Desde cedo, as ideias renovadoras em pedagogia catequética foram também introduzidas entre nós, nomeadamente pelas mãos das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, do movimento das Noelistas, da Acção Católica e da intensificação da formação pastoral de alguns seminários, como o dos Olivais.⁸¹

A utilização do Catecismo de São Pio X, ou de outros que se lhe assemelhavam e foram sendo publicados em diversas dioceses, servia para a preparação da Primeira Comunhão e Primeira Confissão e para

⁸⁰ Cfr U. GIANETTO, *Catecismo de Pio X*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 133-135.

⁸¹ Cfr. A. CARRILHO, *Portugal*, em J. GEVAERT, *Ibid.*, pp. 663-664.

a Comunhão Solene ou Profissão de Fé. No segundo quartel do século traduziram-se ou editaram-se novos instrumentos catequéticos em aplicação das pedagogias já referidas com grande atenção ao sujeito, à indução, à analogia da fé, e a utilização de ilustração e de outras propostas abundantes de actividades práticas.

3.2 Os “Catecismos Nacionais” (década de 50)

A segunda metade do século foi testemunha dum grande florescimento catequético: reorganizam-se os secretariados diocesanos, ensina-se catequética nos seminários, trocam-se experiências entre dioceses, aferem-se critérios. Mas, principalmente, publicou-se, por influência da Acção Católica e com o empenho do Cardeal Patriarca, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, a *Doutrina Cristã*, mais conhecida por *Catecismo Nacional* (1953-1956), para uma catequese de quatro anos, precedida dum ano de *Bíblia das Criancinhas* (1955). Esta publicação provocou um novo esforço de organização das catequese paroquiais e principalmente de formação de catequistas no domínio espiritual, doutrinal, bíblico e psico-pedagógico.

Embora ainda de modo incipiente, a catequese proposta nestes catecismos e nos guias do catequista pretende ser catequese de anúncio e comunicação da Palavra de Deus, adaptada aos destinatários, envolvente e activa, orientada para a mudança de atitudes (conversão). É já muito grande neles a relação com a liturgia, seguindo o ritmo do Ano Litúrgico, embora de maneira ampla, orientando para a vivência da liturgia e dos sacramentos e dedicando até um dos anos expressamente ao Ano Litúrgico e à celebração das diversas festas da Igreja.

3.3 Os “catecismos intermédios” (décadas de 60 e 70)

A década de 60 começa com a publicação das *Bases da catequese elementar em Portugal* (1961): exigência de seriedade na catequese, formação de catequistas, organização da catequese a todos os níveis. Perante as insuficiências do *Catecismo Nacional* e as novas energias desencadeadas à volta do Concílio Vaticano II, especializam-se agentes de catequética em diversos institutos europeus e multiplicam-se textos de apoio e mesmo catecismos que foram dando conta do muito que já se foi andando neste domínio.⁸²

⁸² Cfr Id., *Ibid.*, p. 664.

A década de 70 abre com o *Directório Catequístico Geral* (1971), desejado pelo Concílio; depois vêm os Sínodos dos Bispos da Evangelização (1974), com a posterior Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), e da Catequese (1977) com, depois, a Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1979).

Sob o ponto de vista dos “catecismos” inicia-se uma grande busca de experimentação de novos “modelos de catequese”: publicaram-se *catecismos de iniciação* (duas alternativas: do Secretariado Nacional e do Secretariado de Aveiro) para dois anos de catequese, traduziram-se do francês (da diocese de Lion) dois catecismos para a catequese elementar e, como a distância cultural entre estas duas séries era muito grande, a diocese de Lisboa criou uma nova série de catecismos de “iniciação especial”, a qual foi praticamente adoptada por todas as dioceses: o primeiro catecismo era uma iniciação à Missa e à liturgia em geral e o segundo promovia a iniciação à leitura do Novo Testamento.

A catequese apoiada nestes catecismos era já, de algum modo, “catequese do anúncio interpelador da Palavra, duma proclamação querigmática apoiada no testemunho do catequista e da comunidade, feita ‘dentro’ da experiência humana e dirigida à pessoa toda, activa, indutiva, cristocêntrica, progressiva e global, articulada em ordem ao aprofundamento gradual da fé e da vida cristã”.⁸³ Com estes catecismos estava minimamente apetrechada uma catequese de seis anos, embora sem quase nenhuma articulação das etapas entre si. De facto, não havia ainda um projecto e um programa.

3.4 O “Itinerário Catequético” e os “novos catecismos”

A década de 80 vai ficar marcada principalmente pela elaboração dum *Itinerário Catequético* destinado à elaboração dos catecismos da catequese orgânica das crianças (seis anos em três fases) e dos adolescentes (quatro anos em duas fases), aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa em 1988. Os novos catecismos, tal como os guias do catequista e outros materiais de apoio (frases, figuras, músicas, slides) foram publicados até 1993 e estão em fase de avaliação.

⁸³ H. CRISTINO, *Maria na renovação da catequese em Portugal depois do Concílio*, conferência feita em Huelva (Espanha) no XI Congresso Mariológico e XVIII Congresso Mariano Internacionais, pro-manuscrito, p. 6.

Este programa de catequese e os seus instrumentos de realização proporcionarão uma catequese básica e fundamental, contínua e progressiva, vivencial e participada, com a passagem gradual da iniciação ao seguimento de Cristo, passando pelo aprofundamento da fé e pela busca do sentido cristão da vida na construção da identidade cristã, até à personalização da mesma fé e ao compromisso eclesial e social dela decorrente.⁸⁴

A catequese proposta é bíblica, querigmática, cristocêntrica, eclesial e litúrgica; inspira-se na pedagogia catecumenal, segue os ritmos e os conteúdos do Ano Litúrgico, inicia à participação eucarística e sacramental e está marcada por celebrações periódicas que, para além de serem experiência de fé, são verdadeira catequese da liturgia.

TERCEIRA PARTE

O “Catecismo da Igreja Católica”

Serei breve, porque o que poderia dizer a este respeito está já escrito na Instrução Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, *O Catecismo da Igreja católica e a sua utilização pastoral*, de 18 de Janeiro de 1994.

⁸⁴ Cfr. A. CARRILHO, *Ibid.*, p. 664.

1. O “Catecismo do Concílio Vaticano II”

À imagem do *Catecismo Romano*, o catecismo do Concílio de Trento, promulgado por São Pio V, também o *Catecismo da Igreja Católica* é, no pensamento do Papa João Paulo II, que o promulgou, o catecismo do Concílio Vaticano II, com a diferença, porém, de que aquele foi pedido pelo Concílio e elaborado durante ele e sob a sua responsabilidade, embora não publicado como documento seu, ao passo que este só foi pedido vinte anos depois do Vaticano II, em 1985, quando um Sínodo Extraordinário comemorava o termo do Concílio, como “texto de referência” para os catecismos a elaborar pelas Igrejas locais.

João Paulo II quis que o *Catecismo da Igreja Católica* fosse um documento-exposição fiel da fé e da doutrina da Igreja, inspirado no Concílio Vaticano II. Pedido pelo Sínodo dos Bispos, uma das instituições pós-conciliares mais significativas e fecundas na linha da comunhão e da participação corresponsável, logo o Papa nomeou Comissões representativas da Igreja em todos os continentes. Foram consultadas instâncias teológicas e catequéticas de toda a Igreja e deram parecer os bispos de todo o mundo. João Paulo II, ao mesmo tempo que recordava que, nas palavras de Paulo VI, o Concílio Vaticano II e os seus documentos são a grande catequese e o grande catecismo da Igreja do nosso tempo,⁸⁵ classificou o *Catecismo da Igreja Católica* como “o catecismo pós-conciliar (...) o fruto mais maduro e completo do ensinamento conciliar”.⁸⁶

2. Os conteúdos do “Catecismo da Igreja Católica”

Na feliz expressão de João Paulo II, os conteúdos deste catecismo são a fé professada, celebrada, vivida e rezada.⁸⁷ Os conteúdos da “fé professada” são os do Credo, segundo os artigos do Símbolo baptismal dos Apóstolos, completados na sua formulação pelos do Símbolo de Niceia-Constantinopla. Os conteúdos da “fé celebrada” são apresentados com base nos sacramentos (da iniciação, da cura e do serviço da comunidade), depois de toda a liturgia ter sido centrada e unificada no Mistério Pascal. A terceira parte trata da “fé vivida”, isto é,

⁸⁵ Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 10.

⁸⁶ João Paulo II, *Homilia* de 8.12.1992, n. 3.

⁸⁷ Cfr. *Idem*, *Discurso* de 7.12.1992, n. 7.

da vida moral do cristão, realização da vocação fundamental à vida nova, à santidade e à bem-aventurança; é apresentada segundo o esquema do duplo mandamento do amor, explicitado nos dez mandamentos da Lei de Deus. A “fé rezada”, finalmente, é constituída por um belo comentário ao Pai Nosso, modelo da oração cristã, introduzido pela doutrina sobre a oração cristã e o seu lugar na vida do discípulo de Jesus Cristo.

A *Instrução pastoral*, a que nos referimos, antes de falar das grandes dimensões do *Catecismo da Igreja Católica* (bíblica, trinitário-cristológica, antropológico-ecclesiológica, litúrgico-sacramental, moral, ecuménica e missionária), desenvolve assim o “dinamismo interno dos conteúdos”: “Estas quatro partes estão tão intimamente relacionadas entre si, que qualquer uma se torna, de algum modo, incompreensível e inconsequente se for isolada das outras.

De facto, a profissão de fé conduz ao acolhimento da graça do Espírito nos sacramentos. Uma e outra são fonte e fundamento dos comportamentos cristãos e da esperança dum mundo novo, objecto da oração do discípulo.

Por seu lado, a vida sacramental, para ser celebração e acolhimento dos dons de santificação, exige a profissão consciente, livre e comprometida da fé, e só será genuína e eficaz se seguir a ‘regra da fé’ e levar à renovação interior e aos frutos de vida segundo o espírito.

A vida em Cristo é consequência natural e necessária da verdadeira opção por Cristo na adesão da fé; mas não pode ser conduzida sem o auxílio da graça sacramental e sem o filial encontro com Deus na oração.

Finalmente, a oração cristã flui da aliança com Deus Pai, da relação íntima com Cristo mediador e da força interior do Espírito Santo, tem o seu modelo e inspiração na liturgia da Igreja e leva ao compromisso de vida, à acção apostólica e missionária e à vivência da caridade e da esperança no seguimento de Jesus Cristo.

O Catecismo apresenta, portanto, a existência cristã na sua globalidade e em cada um dos seus aspectos como um diálogo entre Deus e o homem; estão sempre presentes, por parte de Deus, a proposta de vida na Revelação e a força para a sua realização na Graça sacramental, e, por parte do homem, a resposta, aceitação e cooperação activa na conversão e na fé, na vida nova e na oração filial”.⁸⁸

⁸⁸ CEP, *Instrução Pastoral...*, n. 18.

3. A dimensão litúrgico-sacramental do “Catecismo”

Parece-me importante, neste momento e no contexto desta Semana de Liturgia, pôr em relevo a “dimensão litúrgico-sacramental” do *Catecismo da Igreja Católica*, já antes referida.

O *Catecismo da Igreja Católica* tem como finalidade essencial constituir, por um lado, uma síntese ou compêndio da fé e da doutrina da Igreja – pelo que serve para confirmar a fé e reforçar a unidade da Igreja, apresentar a fé de maneira a favorecer a conversão a Cristo e ensinar a todos com fidelidade as verdades em que acredita – e, por outro, servir de referência, que em certos casos poderá vir a ser normativa, para a elaboração dos catecismos locais, inculturando a fé e, conseqüentemente, a sua transmissão.⁸⁹ Neste sentido, a influência deste Catecismo sobre a Igreja vai ser muito grande: sobre a fé dos cristãos, a dever ser cada vez mais esclarecida e aprofundada, e sobre a própria reflexão pastoral e renovação da prática da Igreja, nomeadamente da sua prática litúrgica e sacramental.

É bom, pois, que na comemoração da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (1964) se faça a relação entre ela e o Catecismo, entre os conteúdos litúrgico-sacramentais deste e a aplicação pós-conciliar da reforma litúrgica.

Conclusão

Recordando o que fomos verificando, isto é, a estreita relação entre a catequese e a liturgia e entre o catecismo e os próprios rituais e outras formas de expressão da liturgia, bem como a relação vital e fecunda entre os tempos da liturgia viva, renovada e renovadora, e os tempos do florescimento catequético e evangelizador da Igreja, termino com nova citação textual da *Instrução Pastoral* da Conferência Episcopal Portuguesa acerca da *dimensão litúrgico-sacramental* do *Catecismo da Igreja Católica*:

⁸⁹ Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, Prólogo, n. 12

“Segundo o Catecismo, a vida cristã tem também uma clara dimensão litúrgico-sacramental. Quer se exprima na profissão de fé trinitário-cristológica e na oração filial, quer seja realização fiel dos mandamentos, a vida em Cristo é sempre um hino de louvor e acção de graças ao Deus criador e salvador; por isso, está marcada pela celebração e pela vivência das exigências dos sacramentos, nos quais ‘Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens’.⁹⁰ Se a liturgia é o ‘ponto de chegada’ e o ‘ponto de partida’ de toda a vida da Igreja, como ensina o Concílio,⁹¹ é natural que também a dimensão litúrgica se reflecta na catequese em geral e, conseqüentemente, no Catecismo”.⁹² E, poderíamos acrescentar, em todos os catecismos.

✠ HORÁCIO COELHO CRISTINO
BISPO AUXILIAR DE LISBOA

⁹⁰ CT, 23

⁹¹ Cfr. SC, 10

⁹² CEP, *Instrução Pastoral*, n. 23